

ELEMENTOS PARA A CARACTERIZAÇÃO DA FAIANÇA PORTUGUESA DO SÉCULO XVII

A TIPOLOGIA DE PENDERY APLICADA À REALIDADE DA CASA DO INFANTE (PORTO)

ANABELA P. DE SÁ

RESUMO A intervenção arqueológica realizada no edifício conhecido como *Casa do Infante* (coordenada pelo Dr. Paulo Dordio Gomes e pelo Dr. Ricardo Teixeira), deu origem a estudos realizados nas mais diversas áreas. O nosso objectivo é aqui dar a conhecer alguns dos resultados preliminares da investigação produzida no âmbito da Faiança Portuguesa do século XVII. O propósito principal da pesquisa foi o aperfeiçoamento de uma tipologia baseada na experiência realizada por Steven Pendery em 1999. Para o efeito foram seleccionados alguns depósitos considerados exemplificativos: dois do primeiro terço do século XVII (depósitos 2 e 5) e outros dois da segunda metade do mesmo período (depósitos 3 e 6).

PALAVRAS-CHAVE Casa do Infante, faiança, tipologia

1. INTRODUÇÃO

A intervenção arqueológica realizada no conjunto de edifícios que constituem o espaço designado como *Casa do Infante*, possibilitou a identificação de uma longa e bem conservada sequência estratigráfica e a exumação de um vasto espólio diversificado que permitiu reunir informações sobre o abastecimento de cerâmicas à cidade do Porto desde a época romana aos nossos dias (Real *et al.*, 1995).

No decurso dos trabalhos realizados foi dado grande relevo ao estudo da cerâmica, sendo o objectivo principal da investigação a identificação dos grandes centros produtores. Recorreu-se, para o efeito, à pesquisa documental e à análise macroscópica e química deste género de espólio e os resultados foram sendo apresentados nos congressos de cerâmica medieval e pós medieval de Tondela (Real *et al.*, 1995; Barreira, Dordio e Teixeira, 1998) e posteriormente no *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia* (Dordio; Teixeira; Sá, 2001).

Existem hoje outros estudos e publicações mais recentes que, do ponto de vista arqueológico, analisam a cerâmica e estabelecem as suas origens, caracterização, formas e decorações. Apesar de tudo, no caso da faiança nacional as obras de referência máxima continuam ainda a ser os catálogos de museus, elaborados a partir de peças de grande qualidade técnica e decorativa, que pelas suas características excepcionais não

estariam ao alcance de grande parte da comunidade seiscentista portuguesa. Embora muito fragmentados e incompletos, são os materiais arqueológicos que permitem essa aproximação ao quotidiano, pois reflectem as vida, gostos e actividades desta sociedade. Desta forma, é apenas justo sublinhar a importância que as cerâmicas recolhidas em intervenções urbanas detêm para a compreensão da população citadina, uma vez que são os resultados materiais mais visíveis de acções que reflectem comportamentos socioculturais e económicos relevantes.

O artigo que agora se publica integra-se numa investigação em curso desde 2002, com vista à publicação final dos resultados da intervenção arqueológica. Para este estudo foram seleccionados quatro conjuntos de faiança procedentes de contextos com cronologias bem definidas. O espólio neles contido, as relações estabelecidas entre estratigrafia e estruturas e sobretudo as referências documentais conferem a estes conjuntos balizamentos temporais relativamente precisos.

Assim, o **depósito 2** (D2) encontra-se relacionado com uma extensa obra de alteamento em cerca de um metro na cota do pavimento das casas do lado sul do "*Bairro da Moeda*", datável de cerca de 1628. O **depósito 3** (D3) corresponde ao enchimento de uma cavidade aberta no substrato, para a obtenção de saibros para argamassas, durante a obra de construção da Nova

Alfândega entre 1656 e 1677. O **depósito 5** (D5) está cronologicamente relacionado com o depósito 2, corresponde ao enchimento do espaço entre dois muros, a Oeste do acesso Norte à *Casa da Moeda* (Viela Norte); servia para criar uma plataforma associada a uma porta alta. O **depósito 6** (D6) resultou de uma obra contemporânea da que originou o depósito 3 e corresponde ao aterro para construção de umas escadas na Viela Norte; foi incluído neste estudo após se ter verificado que os fragmentos nele compreendidos pertenciam às mesmas peças do depósito 3, permitindo não só reconstitui-las mas também recuperar os motivos decorativos em análise (fig. 1).

2. ESTUDOS ANTERIORES

Pioneira, a publicação *Faiança Portuguesa* de Jan Bart expôs os resultados da escavação num bairro de Amsterdão onde no início do século XVII se exilaram judeus portugueses. Foi o sustentáculo de uma importante reestruturação a nível cronológico nos estudos posteriores (*Faiança Portuguesa*, 1987). Inspirado por este trabalho e baseando-se em publicações de colecções de museus portugueses, entre as quais se encontram as obras e artigos de Rafael Salinas Calado e João Pedro Monteiro, o arqueólogo norte-americano Steven Pendery traçou uma nova linha orientadora no estudo deste tipo de cerâmica: concebeu a primeira tipologia para Faiança Portuguesa

tendo por base fragmentos de louça exumada na costa atlântica dos Estados Unidos, principalmente na área de New England (Pendery, 1999).

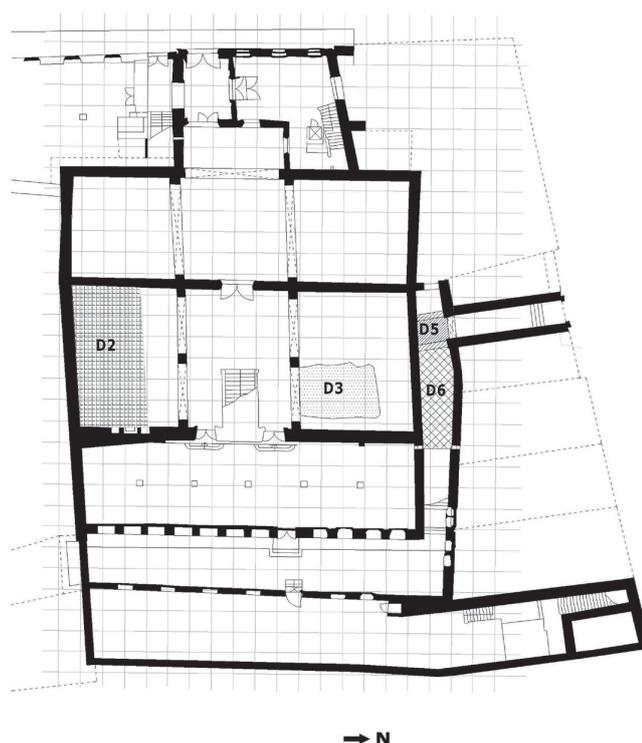
3. A METODOLOGIA

O principal objectivo do trabalho aqui apresentado foi o aperfeiçoamento da sistematização de Pendery de modo a que esta funcionasse como um impulso para a construção de uma tipologia abrangente, que se adequasse à realidade nacional, onde a faiança é um género de cerâmica bastante abundante.

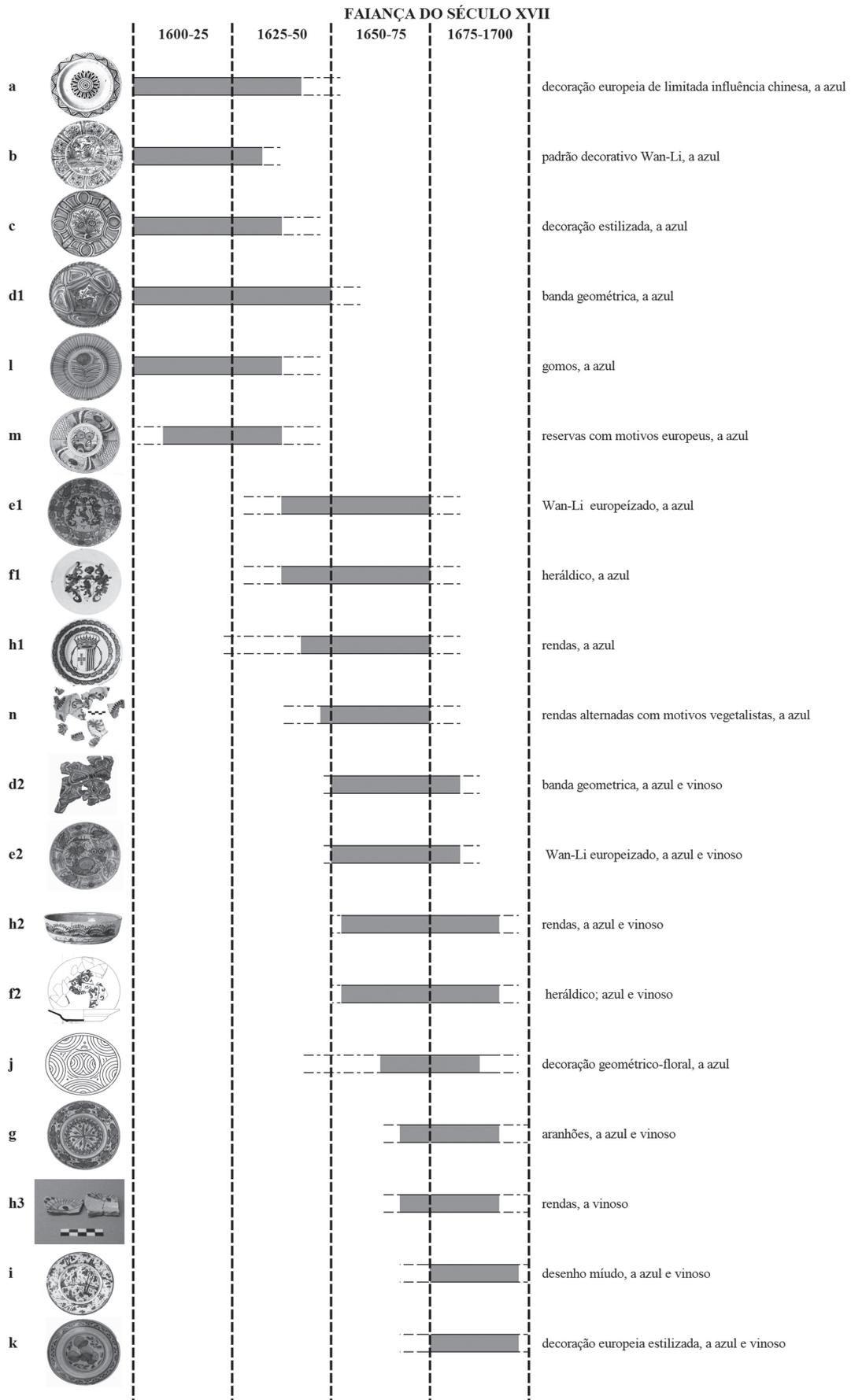
Na fase mais elementar da investigação iniciada na *Casa do Infante*, os fragmentos foram separados de acordo com os padrões decorativos apresentados. À medida que se foram reconstituindo peças e analisando as suas decorações, identificaram-se outros padrões que foram sendo sistematizados e que complementam a tipologia original.

Numa segunda fase de estudo, os fragmentos foram separados com base numa análise macroscópica: cor do cerne, textura e tonalidade do vidrado. Apesar de pouco produtiva, esta foi uma fase essencial para aproximar fragmentos que, aparentemente, não estariam relacionados a nível decorativo.

Os melhores resultados obtiveram-se numa terceira fase em que se combinaram ambos os critérios: a tecnologia/análise macroscópica dos fragmentos e a análise decorativa dos mesmos.



1. Planta da Casa do Infante com a localização dos depósitos estudados.



2. Tipologia da Casa do Infante.

Os tipos estudados de modo mais exaustivo são os que apresentam esquemas decorativos semelhantes aos exumados nos depósitos do primeiro terço do século XVII (depósitos 2 e 5) e que poderão ser, por esta razão, atribuídos ao primeiro quartel do século XVII. Tratou-se de um trabalho bastante difícil pois os dois depósitos que abrangem esta cronologia mais recuada (D2 e D5) possuem um reduzido número de fragmentos de faiança.

4. A TIPOLOGIA DA FAIANÇA DA CASA DO INFANTE

Como referimos anteriormente, o alicerce da tipologia que aqui apresentamos foi a de Pendery que conta com a identificação de onze tipos (1999, p. 62).

Ao longo dos anos procuramos ampliar e aperfeiçoar este trabalho. Neste sentido, a tipologia da Casa do Infante acrescenta três novos tipos à original. Para além destes foi ainda possível subdividir alguns com base em diferenças cromáticas (fig. 2).

Este reconhecimento permitiu-nos ampliar a tipologia existente dando-se continuidade às designações alfabéticas iniciadas por Pendery. No caso das variantes cromáticas dentro dos tipos já identificados, optámos por um fraccionamento dos mesmos (que designamos por *subtipos*), continuando estes a ter a designação original mas seguida de um número.

Aproveitamos para realçar que este não é um trabalho concluído. Trata-se de uma investigação que se tem revelado longa mas descontínua no tempo, pesando aqui factores diversos que foram limitando este processo.

4.1 Tipo a

O tipo *a*¹, "*decoreção europeia de limitada influência chinesa, a azul*" (Pendery, 1999, p. 62: "European design with limited Chinese influence").

Caracteriza-se por uma decoração bem delimitada, circunscrita a uma "banda" (junto ao bordo) e ao fundo da peça, deixando, um espaço central livre de qualquer decoração. Ocasionalmente a banda é adossada ao medalhão central. A decoração do fundo insere-se frequentemente num medalhão central e, em casos raros, encontra-se sem qualquer delimitação. Embora os elementos decorativos sejam maioritariamente geométricos e de influência europeia (círculos concêntricos ou motivos vegetalistas), o esquema organizativo parece corresponder ao das peças de porcelana do período Jiajing da dinastia Ming.

Foi identificado nos depósitos 2, 3, 5 e 6 por um número considerável de fragmentos (figs. 3 a 6).

Ao longo desta investigação apercebemo-nos que os tipos em estudo apresentavam variações dentro de um mesmo padrão. Criamos então esquemas para desenvolver uma sistematização. Dentro do tipo *a* identificamos quatro esquemas organizativos principais, nos quais podemos incluir praticamente todas as peças



3. Peça CI/91/1507/018. Tipo a.



4. Peça CI/91/1722/004. Tipo a.



5. Peça CI/91/1079/146. Tipo a.



6. Peça CI/91/1050/154. Tipo a.

1. Fig. 2; Faiança Portuguesa, 1987, p. 30.

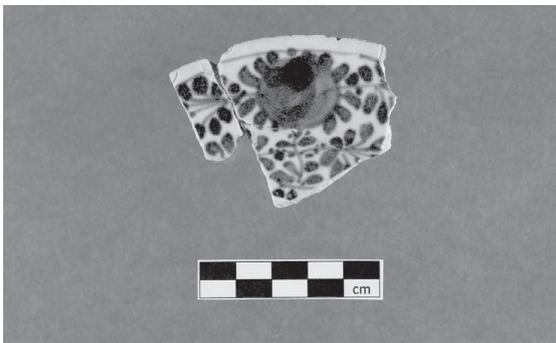
observadas na *Casa do Infante*: semicírculos, semicírculos contrapostos, arabescos e óvulos (Sá, 2002; Sá e Dordio, 2002).

4.2 Tipo b

O **tipo b**², "*padrão decorativo Wan-Li, a azul*" (Pendery, 1999, p. 62: "Chinese Wan-Li pattern").

Caracteriza-se pela tentativa de reproduzir fielmente a técnica decorativa da porcelana Ming do período Wan-Li onde subsiste uma ausência de espaços vazios.

2. Fig. 2; *Influência Oriental*, 1994, p. 61.



7. Peça CI/91/5384/091. Tipo b.



8. Peça CI/91/1079/052. Tipo b.



9. Peça CI/91/1079/050. Tipo b.

O fundo da peça apresenta sempre um medalhão (redondo ou com forma geométrica sub-circular) com paisagens ostentando animais, que são motivos simbólicos recorrentes nos temas orientais. A decoração do fundo une-se completamente às reservas que preenchem as paredes da peça até ao bordo.

Apesar de existirem vários exemplares expostos em museus, nos depósitos da *Casa do Infante* este tipo encontra-se quase ausente. Facto este que parece apontar para o carácter de excepção e qualidade atribuído a peças deste género em que o traço do desenho é extremamente cuidado: há uma grande preocupação com a fidelidade e estética do mesmo (figs. 7 a 9).

4.3 Tipo c

O **tipo c**³ "*decoração estilizada, a azul*" foi denominado por Pendery "stylized Chinese design" (1999, p. 62), no entanto, a nossa investigação levou-nos a considerar que este tipo sofre menos influências da porcelana chinesa do que o inicialmente pressuposto por este autor. Parece-nos que os motivos são essencialmente de influência europeia.

Trata-se de um tipo com uma decoração profusa, bastante geometrizada, que apresenta como principal motivo "reservas concêntricas" delineadas com traços de diferentes espessuras e preenchidas com "encastrados" e "espirais". O motivo do fundo é relativamente estilizado e inserido num medalhão (geralmente sub-circular), também ele delimitado por linhas concêntricas de espessuras variadas. Caracteriza-se pela ausência de espaços vazios; o medalhão do fundo une-se completamente às reservas que preenchem as paredes da peça até ao bordo. É um tipo bastante raro nos depósitos estudados, onde surge extremamente fragmentado (figs. 10 e 11).

3. Fig. 2; *Influência Oriental*, 1994, p. 66.



10. Peça CI/91/1708/038. Tipo c.



11. Peça CI/91/1728/014. Tipo c.

4.4 Tipo d

Identificado por Pendery como "geometrical border" (Pendery, 1999, p. 62) passou a ser por nós designado como "*banda geométrica, a azul*". Muito semelhante ao tipo anterior, o **tipo d** possui algumas características particulares.

A decoração em reservas concêntricas é em tudo semelhante ao tipo c mas o seu preenchimento é ocupado exclusivamente por espirais e pontos de influência

4. Fig. 2; *Influência Oriental*, 1994, p. 80.



12. Peça CI/91/1050/096. Tipo d.



13. Peça CI/91/1149/219. Tipo d.

européia. O fundo da peça pode apresentar decoração de influência chinesa, inserida em medalhão polilobado rodeado por linhas concêntricas, ou o motivo das "reservas concêntricas" com espirais e pontos disperso por toda a peça anulando o medalhão. Também aqui há uma ausência de espaços vazios. Nos depósitos estudados, as peças deste tipo surgem extremamente fragmentadas e, por esta razão, pode ser confundido com o tipo c.

Podemos subdividi-lo em **d1**, "*banda geométrica a azul*", identificado nos depósitos 2, 3, 5 e 6 por um reduzido número de fragmentos (figs. 12 e 13); e **d2**⁵, "*banda geométrica a azul e manganês*": assemelha-se ao **d1** mas com contornos a manganês; foi identificado unicamente no depósito 3 (fig. 14).



14. Peça CI/91/0625/017. Tipo d.

4.5 Tipo e

"Europeanized Wan-Li" (Pendery, 1999, p. 62) ou "*Wan-Li europeizado*" foi a designação atribuída ao **tipo e**⁶.

A decoração é, tal como no caso do tipo *b*, influenciada pelas peças do período Wan-Li da dinastia Ming, no entanto, esta é mais gestual e interpreta com alguma inocência os motivos típicos orientais. O fundo da peça pode apresentar paisagens chinesas ou motivos europeus (heráldica, corações, cartelas onomásticas, figuras humanas, etc...). Também neste tipo existe uma ausência de espaços vazios; o medalhão une-se completamente às reservas que preenchem as paredes da peça até ao bordo.

É um tipo bastante abundante nos depósitos 3 e 6 da *Casa do Infante*, embora o nível de fragmentação elevada tenha permitido apenas reconstruções parciais dos motivos (figs. 15 e 16).

A sua sub-divisão em **e1**, "*Wan-Li europeizado a azul*",

5. Fig. 2; Peça CI/91/0625/017.

6. Fig. 2; *Faiança Portuguesa*, 1987, p. 76.

e **e2**⁷, "*Wan-Li europeizado a azul e manganês*", foi possível através do registo de alguns fragmentos com motivos delineados a manganês nos depósitos 3 e 6.



15. Peça CI/91/1142/102. Tipo e.



16. Peça CI/91/1142/102. Tipo e.

4.6 Tipo f

Possivelmente devido a uma presença mais frequente nas publicações nacionais, o **tipo f** foi assinalado por Pendery na sua versão bicromática "*Armorial manganese purple outline*" (Pendery, 1999, p. 62) ou "*Heráldico azul e manganês*".

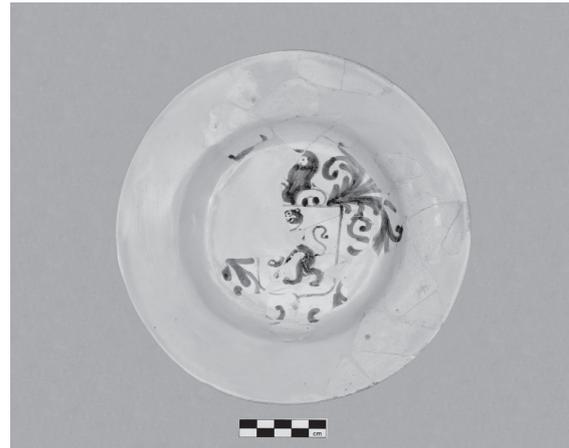
Caracteriza-se por uma decoração circunscrita quase exclusivamente ao fundo da peça, por vezes expandindo-se para as paredes, deixando a zona do bordo sem desenhos/decorações. O motivo heráldico pode variar, embora existam alguns que se parecem repetir frequentemente.

Nos depósitos 3 e 6 da *Casa do Infante* surgem também os motivos apenas azuis dando origem à sua subdivisão em **f1**⁸, "*heráldico a azul*" (fig. 18) e **f2**⁹, "*heráldico a azul e manganês*" (fig. 17).

7. Fig. 2; *Influência Oriental*, 1994, p. 109.

8. Fig. 2; *Faiança Portuguesa*, 1987, p. 82.

9. Fig. 2; Peça CI/91/1050/080.



17. Peça CI/91/1050/080. Tipo f.



18. Peça CI/91/5381/041. Tipo f.

4.7 Tipo g

O **tipo g**¹⁰ foi denominado "*Aranhões*" (Pendery, 1999, p. 62: "*Aranhões and fruit border*").

Caracteriza-se pela recuperação e reinterpretação de motivos orientais (dos tipos *b* e *e*) que se tornam mais esquematizados e de difícil reconhecimento devido à rude estilização dos mesmos. Com frequência, as reservas são abandonadas originando uma organização decorativa em forma de «banda» contínua. O fundo pode variar bastante e conter motivos simétricos, representações muito estilizadas de paisagens orientais ou até representações antropomórficas.

É um tipo raro na *Casa do Infante*, salientando-se duas peças provenientes dos depósitos 3 e 6 (figs. 19 e 20).

4.8 Tipo h

O **tipo h**, um dos mais característicos da faiança portuguesa, foi denominado "*Lace*" por Pendery (1999,

10. Fig. 2; *Influência Oriental*, 1994, p. 139.



19. Peça CI/91/5361/014. Tipo g.



20. Peça CI/91/5361/015. Tipo g.



21. Peça CI/91/1149/216. Tipo h.



22. Peça CI/91/1149/218. Tipo h.

p. 62) de acordo com a designação comumente aceite para este padrão: "Rendas".

Caracteriza-se por uma decoração com motivos que procuram representar "rendas" ou melhor a parte dos seus remates semicirculares. Estas podem encontrar-se voltadas para o interior da peça ou para o seu exterior, ser organizadas de modo a delinear figuras circulares ou figuras geométricas de aresta (pentágonos, hexágonos, entre outros). O motivo do fundo pode variar bastante: motivos simétricos, representações vegetalistas com ramagens, rendas, heráldica ou motivos onomásticos.

Subdivide-se em **h1**¹¹, "rendas a azul" (figs.21 e 22), **h2**¹², "rendas a azul e manganês", **h3**¹³, "rendas apenas em manganês". Apesar da raridade e da necessidade de confirmação em estudos posteriores, existem alguns fragmentos no D3 e D6 que parecem apontar para a existência de um subtipo **h4** "rendas a azul, manganês e amarelo".

O único exemplar deste género detectado no depósito 2, pode inserir-se no subgrupo **h1** embora exiba rendas triangulares em vez das tradicionais semicirculares.

4.9 Tipo i

O tipo **i**⁴, tradicionalmente conhecido por "desenho miúdo a azul e manganês" (Pendery, 1999, p. 62: "Transitional Chinese design, manganese and purple outline"), encontra-se ausente dos depósitos estudados.

Ao que tudo indica, esta constatação remete-o para uma cronologia posterior ao 3º quartel do século XVII. Uma outra hipótese levantada por João Pedro Monteiro indica que este poderá ser um motivo decorativo proveniente de uma única oficina de Lisboa que se terá especializado nele (Monteiro, 2004, p. 63).

O padrão decorativo influenciado pela porcelana chinesa do período de transição (1620-1683), caracteriza-se pela utilização de pequenas figuras que preenchem toda a superfície da peça. Esta não apresenta quaisquer divisões ou reservas na aba que é decorada de forma contínua, a decoração do fundo inscreve-se num medalhão.

4.10 Tipo j

O tipo **j**⁵, "decoração geométrico-floral" (Pendery, 1999, p. 62: "floral-geometrical design"), é um motivo decorativo raro do qual se conhece uma possível peça que também podemos incluir no tipo **a**.

11. Fig. 2; Calado, 1992, p. 33.

12. Fig. 2; Faiança Portuguesa, 1987, p. 85.

13. Fig. 2; Fragmentos avulsos da Casa do Infante.

14. Fig. 2; Influência Oriental, 1994, p. 118.

15. Fig. 2; Bracante, 1931, p. 276 apud Pendery, 1999, p. 62.



23. Peça CI/91/5381/039. Tipo j.



24. Peça CI/91/1029/156. Tipo l.



25. Peça CI/91/1050/098. Tipo l.



26. Peça CI/91/1097/019. Tipo l.

Provavelmente poderá diferenciar-se deste pela decoração que ocupa a quase totalidade da peça e pelo motivo geométrico, com simetria bilateral que ocupa o medalhão central.

Como referimos, existe uma possível peça deste tipo, que também podemos enquadrar no tipo *a*, proveniente dos depósitos 3 e 6 (fig. 23).

4.11 Tipo k

O tipo *k*¹⁶, "*decoração europeia estilizada*" (Pendery, 1999, p. 62: "entirely European design"), não foi identificado nos depósitos estudados por pertencer a uma cronologia tardia dentro do século XVII.

Caracteriza-se por uma esquematização extremamente simplificada dos padrões decorativos chineses que se apresentam de um modo cada vez menos refinado. É comumente reconhecido nos estudos mais clássicos da faiança pelo motivo das "contas" que normalmente preenchem a estreita banda exibida na aba dos pratos. A simbologia dos motivos chineses apaga-se definitivamente e os motivos são aqui reduzidos a um mínimo de linhas.

4.12 Tipo l

O tipo *l*¹⁷ "*gomos*" não existe na tipologia de Pendery. Foi identificado inicialmente nos depósitos mais antigos (o 2 e o 5) mas mais tarde encontraram-se também fragmentos nos depósitos 3 e 6. Caracteriza-se por uma decoração muito simples ostentando linhas verticais que ocupam a maior parte da peça.

Sendo de pequena dimensão, os fragmentos raramente permitiam a identificação da forma da peça. Optou-se, portanto, por uma sistematização tendo por base o remate junto ao bordo, uma vez que estes apresentavam uma grande diversidade e diferentes esquemas decorativos.

Praticamente não existem peças publicadas em catálogos de museus. As peças conhecidas são provenientes de outras intervenções arqueológicas (figs. 24 a 26).

Os "gomos" apresentam-se simples ovalados, com a linha espessa do interior ondulante, parcialmente preenchida ou com forma ogival. Podem ser separados entre si por pequenas pontas de flecha orientadas para a parte inferior, por linhas verticais que ascendem ao topo e terminando em forma de grinalda ou sendo cortadas por pequenos traços horizontais. Os remates superiores mais comuns são os triângulos que podem ser concêntricos com um ponto no interior ou totalmente preenchidos. Outros espaços intersticiais superiores podem

16. Fig. 2; *Influência Oriental*, 1994, p. 148

17. Fig. 2; *Faiança Portuguesa*, 1997, p. 25.

apresentar um único ponto (Sá, 2002; Sá e Dordio, 2002).

4.13 Tipo m

O tipo *m*¹⁸, "reservas com motivos europeus a azul" (inexistente na tipologia de Pendery), foi residualmente identificado nos depósitos mais antigos (o 2 e o 5),

18. Fig. 2; Faiança Portuguesa, 1997, p. 24.



27. Peça CI/91/5004/009. Tipo m.



28. Peça CI/91/1050/174. Tipo m.



29. Peça CI/91/5361/016. Tipo m.

tendo sido detectados mais fragmentos no 3 e no 6. Caracteriza-se pela alternância de motivos geométricos com motivos florais ou vegetalistas estilizados, em reservas separadas por pequenas "cartelas" combinados com fundos de influência oriental.

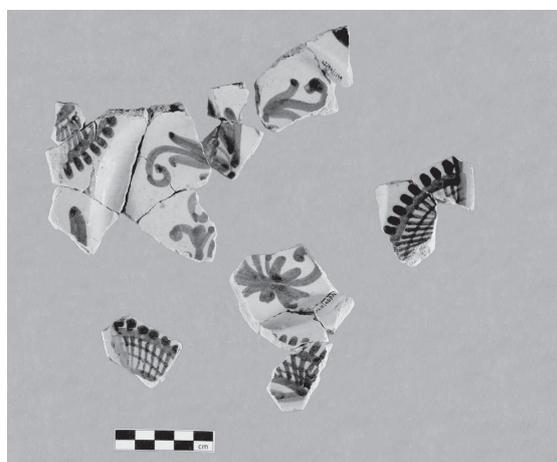
A decoração deste tipo de peças apresenta diversas influências. Se por um lado podemos observar o mesmo esquema de encastrados na cerâmica hispano-árabe, por outro o medalhão do fundo apresenta-se, por vezes, com composições de inspiração chinesa (figs. 27 a 29). Um dos motivos mais recorrentes é uma flor que surge sempre representada do mesmo modo (fig. 27). Parece-nos que, mais tarde, terá servido de inspiração a um dos motivos decorativos recorrentes na faiança de inspiração Wan-Li produzida pelas oficinas de Delft, a partir de 1640.

Tal como no tipo anterior, também neste praticamente não existem peças publicadas em catálogos de museus. As peças conhecidas são provenientes de outras intervenções arqueológicas.

4.14 Tipo n

O tipo *n*¹⁹ denominado "rendas alternadas com motivos vegetalistas a azul" (inexistente na tipologia de Pendery) distingue-se do tipo *h* pois alterna o motivo "renda" com outro de carácter fitomórfico. O fundo da peça apresenta também motivos vegetalistas. Aparenta ser, apesar de tudo, um padrão bastante raro que surge apenas no D3 e no D6. Poderá dar-se o caso existirem mais exemplares irreconhecíveis devido ao elevado nível de fragmentação das peças. Não se conhecem actualmente referências publicadas em catálogos de museus, sendo o tipo *n* apenas conhecido através de intervenções arqueológicas (fig. 30).

19. Fig. 2; Peça CI/91/1149/193.



30. Peça CI/91/1149/193. Tipo n.

5. CRONOLOGIAS E PROBLEMÁTICAS

A observação permite-nos inferir que se as faianças dos depósitos 2 e 5 corresponderão a peças do primeiro quartel do século XVII, os depósitos 3 e 6 incluirão cerâmicas de cronologia mais recente (do segundo e do terceiro quartéis deste século). Não podemos no entanto excluir que existe uma enorme possibilidade de nos D3 e D6 coexistirem fragmentos residuais de algumas peças coetâneas dos depósitos mais antigos. A presença de motivos decorativos análogos parece confirmar este facto e apontar, muito provavelmente, para uma sobrevivência destas decorações ao longo da primeira metade deste século.

Parece-nos, portanto, lógico considerar os tipos *a*, *b*, *c*, *d1*, *l* e *m* como os mais antigos, em voga durante o primeiro quartel do século XVII. A ausência ou raridade dos motivos *i*, *j* e *k* nos depósitos estudados poder-se-á ficar a dever ao facto de serem motivos mais tardios ou mais raros e pouco representativos do gosto decorativo da época. Os restantes pertencerão a um gosto decorativo em voga entre o segundo quartel e fins do terceiro quartel do mesmo século.

Os tipos *l* e *m* foram inicialmente uma incógnita devido à ausência de referências bibliográficas. Apenas se encontram publicadas duas peças no Catálogo do Ateneu Comercial do Porto provenientes de uma colecção legada por Arthur de Sandão a esta instituição (Faiança Portuguesa, 1997). Embora desconhecidas das colecções museológicas e muito fragmentadas nos depósitos estudados, peças destes dois tipos são relativamente comuns nos vários depósitos analisados e encontram-se mesmo representadas nos mais antigos.

Ainda durante a observação de peças e catálogos de museus impôs-se uma outra questão relacionada com a raridade dos fragmentos do tipo *d1* nos depósitos em estudo.

As razões para esta discrepância não são claras. Inicialmente pensámos que os tipos *l* e *m* poderiam ser de um gosto mais popular e daí não possuírem a qualidade ou a estética que agradavam às famílias mais abastadas ou às ordens religiosas cujas peças engrandecem actualmente os núcleos de faiança museológica. Contrariamente, o *d1* seria expressão desse gosto mais erudito sendo esta uma das razões da sua abundância

nas salas de museus e raridade nos depósitos da Casa do Infante (Sá e Dordio, 2002). Não obstante, a constatação de que algumas das peças *l* e *m* presentes nos contextos estudados possuem muito boa qualidade técnica e decorativa, o que parece colocar de parte esta hipótese.

No campo das probabilidades podemos avançar com algumas teorias mas estas carecem de confirmação científica e terão de ser aferidas em estudos posteriores. Uma destas é a de que os tipos *l* e *m* e o tipo *d1* possam ser produtos de duas oficinas distintas ou mesmo (quem sabe) de zonas diferentes do país. A comprovação ou refutação desta teoria terá de ser efectuada através do estudo e observação de espólio procedente de outras cidades de modo a avaliar com exactidão a questão da abundância ou raridade destes três tipos. Mais uma vez se ressalva que o exame de depósitos de faiança de áreas urbanas distintas do Porto ainda não nos foi possível e que a hipótese avançada se trata de uma mera conjectura.

6. CONCLUSÃO

A investigação efectuada foi o resultado de uma análise da bibliografia existente, conjugada com a natureza cronológica dos contextos estudados.

Os objectivos a que nos propusemos, de ampliar a tipologia de Pendery e ajustá-la a uma realidade nacional foram cumpridos apenas parcialmente. Contribuímos com a identificação de outros tipos e com uma nova organização onde constam divisões em subtipos, no entanto, esta continua uma tarefa inacabada.

Salienta-se que, este trabalho por diversas vezes interrompido e retomado entre 2002 e 2006, resulta de elementos recolhidos apenas durante esse período e carece de um maior aprofundamento. Nos depósitos examinados, mesmo nos mais antigos, ainda subsistem decorações que poderão resultar numa ampliação desta tipologia. O grau de fragmentação das peças conjugada com a falta de tempo e de recursos não nos permitiu, na altura, avançar nesse sentido.

Esperamos que este estudo possa concorrer com novas linhas de orientação para trabalhos futuros sobre o mesmo tema e que as questões aqui colocadas possam servir de ponto de partida a novas pesquisas.

BIBLIOGRAFIA

- BARREIRA, P.; DORDIO, P. e TEIXEIRA, R. (1998) – 200 anos de cerâmica na Casa do Infante: do séc. XVI a meados do séc. XVIII. In *Actas das 2.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 22 a 25 de Março de 1995*. Tondela: Câmara Municipal, p. 145-184.
- CALADO, R. S. (1992) – *Faiança Portuguesa: sua evolução até ao início do século XX. Portuguese Faience: its evolution up to the early 20th century*. Lisboa. Direcção de Serviços de Filatelia. Correios de Portugal, 120 p.
- CALADO, R. S. (1993) – A Porcelana da China como Fonte de Inspiração da decoração da Faiança Portuguesa no século XVII. *Oceanos, número 14, Julho de 1993*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, p. 76-83.
- CALADO, R. S. (2001) – Breve Historial da Faiança em Portugal. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia* [s.l.]. Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001, p. 15-25.
- DORDIO, P.; TEIXEIRA, R. e SÁ, A. (2001) – Faianças do Porto e Gaia: O recente contributo da arqueologia. In *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia* [s.l.]. Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001, p. 119-164.
- FAIANÇA PORTUGUESA 1600-1660 / *Portuguese faience, 1600-1660*. Lisboa. Ministério dos Negócios Estrangeiros, Secretaria de Estado da Cultura. Amsterdam. Amsterdams Historisch Museum. 96 p. Catálogo.
- FAIANÇA PORTUGUESA do Ateneu Comercial do Porto / *Portuguese faience of the Ateneu Comercial do Porto*. Porto: Ateneu Comercial, 1997. 191 p.
- INFLUÊNCIA ORIENTAL na Cerâmica Portuguesa do Século XVII. / *Oriental Influence on 17th Century Portuguese Ceramics*. Lisboa. Museu Nacional do Azulejo/Lisboa 94. Milão. Electa. 161 p. Catálogo.
- ITINERÁRIO da Faiança do Porto e Gaia [s.l.]. Museu Nacional de Soares dos Reis, 2001. 304 p.
- MONTEIRO, J. P. (2004) – A afirmação de um gosto nacional na Cerâmica nacional. *Céramique du Portugal du XVI^e au XX^e siècle. / Cerâmica Portuguesa do século XVI ao XX*. Ville de Genève – Département des affaires culturelles. Musée Ariana. 215 p.
- PENDERY, S. R. (1999) – Portuguese Tin-glazed Earthenware in Seventeenth-Century New England: A Preliminary Study. *The Journal of the Society for Historical Archaeology, Vol. 33 (N.º 4)*. [s.l.]. Society for Historical Archaeology, p. 58-77.
- REAL, M. L. et al (1995) – Conjuntos cerâmicos da intervenção arqueológica na Casa do Infante – Porto: elementos para uma sequência longa – séculos IV-XIX. In *Actas das 1.ªs Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-medieval: métodos e resultados para o seu estudo, Tondela 28 a 31 de Outubro de 1992*. Tondela, Câmara Municipal, p. 171-186.
- SÁ, A. (2002) – *As Faianças do século XVII do Arquivo Histórico Municipal Casa do Infante. Relatório Final*. Texto policopiado.
- SÁ, A. e DORDIO, P. (2002) – A Faiança Portuguesa do Século XVII da Intervenção Arqueológica na Casa do Infante: elementos para a sua caracterização. *Cale 1* (no prelo desde 2002 – texto policopiado).
- TEIXEIRA, R. e DORDIO P. (1998) – Como pôr ordem em 500 000 fragmentos de Cerâmica? Ou Discussão da metodologia de estudo da cerâmica na intervenção arqueológica da Casa do Infante (Porto). in *Olaria: Estudos Arqueológicos, Históricos e Etnológicos 2*. Barcelos: Câmara Municipal, p. 115-124.
- WILCOXEN, C. (1999) – Seventeenth-Century Portuguese Faiança and Its Presence in Colonial America. in *Northeast Historical Archaeology, vol. 28*. New York. Buffalo State University. Council for Northeast Historical Archaeology, p. 1-20.